



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS/ PORTUGUESA

MARIA SIRLEI DA SILVA

**VISÃO DO PARAÍSO: O MITO EDÊNICO NAS
MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS NO BRASIL COLÔNIA**

ARAGUAÍNA- TO
2023

MARIA SIRLEI DA SILVA

**VISÃO DO PARAÍSO: O MITO EDÊNICO NAS MANIFESTAÇÕES
LITERÁRIA NO BRASIL COLÔNIA**

A monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas, para obtenção do título de graduação e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora. Orientadora: Prof. Dra. Valéria da Silva Medeiros.

ARAGUAÍNA- TO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

D229v Da Silva, Maria Sirlei.
VISÃO DO PARAÍSO: O MITO EDÊNICO NAS MANIFESTAÇÕES
LITERÁRIAS NO BRASIL COLÔNIA. / Maria Sirlei Da Silva. – Araguaína,
TO, 2023.
36 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2023.

Orientador: Valéria da Silva Medeiros

1. Introdução. 2. Contexto de produção e recepção. 3. A literatura de
informação no Brasil colônia . 4. Considerações finais. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

MARIA SIRLEI DA SILVA

**VISÃO DO PARAÍSO: O MITO EDÊNICO NAS MANIFESTAÇÕES LITERÁRIA
NO BRASIL COLÔNIA**

A monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas, para obtenção do título de graduação e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 14 de fevereiro de 2023.

Banca Examinadora

Prof.^a. Dr.^a. Valéria da Silva Medeiros- UFNT
Orientadora

Prof.^a. Dr.^a. Elisa Borges de Alcântara Alencar- UFNT
Examinadora 1

Prof.^a. Dr.^a. Eliene Rodrigues Sousa- UNITINS
Examinadora 2

ARAGUAÍNA- TO
2023

O imaginário é o que define a condição humana do homem.

Angel Pino (2006)

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar a Deus por me conceder saúde e força para não deixar desistir, pois durante a graduação tiveram vários fatores que poderiam me fazer desistir. Mas, Deus não me deixou fraquejar.

À minha família, por me apoiar nessa árdua jornada. Eles me incentivaram a persistir, me ajudaram de todas as formas, obrigada, mãe, pai, as minhas irmãs Bruna, Maria, Suely, Aparecida. Minha persistência nos meus estudos foi por vocês.

À minha orientadora, por não ter desistido de mim mesmo que afastada das suas atividades da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), continuou a me orientar. Ela foi mais do que uma orientadora, conversamos não só sobre a escrita do trabalho, mas também sobre nossas aflições. Ela foi muito paciência e compreensível comigo, pois durante a escrita eu estava passando um momento difícil em relação a saúde do meu pai, estava desanimada. Mas fomos firmes, e conseguimos. Obrigada, professora Valéria! Sou muito grata!

Às minhas colegas de turma, Amanda e Maria Eduarda, em especial à Maria Eduarda, tantas coisas passamos juntas nessa jornada, quantas vezes passamos o dia todo na UFNT, estudando, e voltando para casa 12h da noite, porque moramos em outra cidade, foi muito gratificante ter você presente nesta etapa da vida, você me ensinou tantas coisas uma delas ser forte. Obrigada, amiga irmã, Tenho muito orgulho de você!

Agradeço todos os dirigentes da Comunidade Quilombola pé do Morro pela oportunidade de fazer parte dela, e possibilitou a ingressar ao ensino superior. Essa conquista não é só minha, mas de toda comunidade.

Por fim, agradeço todo corpo docente pôr os ensinamentos durante toda jornada acadêmica.

RESUMO

Esta monografia é resultado de leitura e estudos desenvolvidos em sala de aula na disciplina de Literatura Brasileira: Manifestações Literárias do Período Colonial do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). O objetivo é refletir sobre o processo de construção desse imaginário à luz do contexto histórico e social da época tão potente que ainda se faz presente no século XXI. Os textos em análise são registros das viagens marítimas de europeus que abordaram a descoberta do Novo Mundo, sob um imaginário de abundância e deslumbramento. Como vemos nos relatos, os pioneiros ficaram fascinados com a terra recém-descoberta, onde avistaram o novo Paraíso Perdido. Pensavam nele como o novo Éden, pois acreditavam que era um lugar abençoado por Deus com habitantes puros, excelente fertilidade do solo, abundante água doce, vastos territórios, frutas de várias espécies e beleza exótica. Este trabalho visa analisar essa visão paradisíaca dos europeus para o Novo Mundo, das suas origens aos dias de hoje, mais precisamente na abertura da Copa do Mundo da FIFA sediada no Brasil em 2014. O espetáculo de “Tesouros do Brasil: suas pessoas, sua natureza e o futebol” foi criado artista belga Daphne Cornez com o objetivo de homenagear a natureza do Brasil.

Palavras-chave: Brasil Colônia; Literatura de Informação; Mitos edênicos.

ABSTRACT

This monograph is a result of reading and studies developed in the classroom in the discipline of Brazilian Literature: Literary Manifestations of the Colonial Period, of the degree course in Letters: Portuguese Language and Literature at the Federal University of Northern Tocantins (UFNT). The objective is to reflect on the process of construction of this imaginary in the light of the historical and social context of the time so powerful that it is still present in the 21st century. The texts under analysis are the records of the sea voyages of Europeans who addressed the discovery of the New World, under an imaginary of abundance and dazzle. As we see in the reports, the pioneers were fascinated with the newly discovered land, where they saw the new Lost Paradise. They thought of him as the new Eden, because they believed that he was blessed by God with pure in habitats, excellent soil fertility, abundant fresh water, vast territories, fruits of various species and exotic beauty. This work aims to analyze how this paradisiacal vision of Europeans for the New World, from its origins to today, more precisely at the opening of the FIFA world cup based in Brazil in 2014. The show "Treasures of Brazil: its people, its nature and football" was created by the Belgian artist for Belgian Daphne Cornez in order to honor the nature of Brazil.

Key-words: Colony Brazil; Information Literature; Edenic myths.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CONTEXTO DE PRODUÇÃO E RECEPÇÃO	13
2.1. A expansão ultramarina europeia dos séculos XIV ao XVIII.....	13
2.2. O imaginário dos viajantes do velho mundo para o novo mundo: visões do paraíso.....	16
3. A LITERATURA DE INFORMAÇÃO NO BRASIL COLÔNIA	20
3.1. A Carta de Caminha.....	22
3.2. Relação do Piloto Anônimo.....	26
3.3. Hans Staden.....	28
3.4. Tratado da Terra do Brasil, Pedro Magalhães Gândavo.....	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
5. REFERÊNCIAS	34
6. ANEXOS	35
6.1. Anexo A.....	35
6.2. Anexo B.....	36

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia busca analisar o imaginário construído ao longo do período colonial, bem como as narrativas das primeiras manifestações Literárias do Brasil Colônia entre os séculos XVI e XVIII, que são os relatos de viagens ultramarina, a carta de Caminha, relação do Piloto Anônimo, Tratado da Terra do Brasil, Pedro de Magalhães Gândavo e as duas viagens de Hans Staden ao Brasil. Além disso, fazer um contraste com a cerimônia de abertura da Copa do Mundo, realizada em 12 de junho de 2014 em São Paulo, na Arena Corinthians. A cerimônia foi uma homenagem às riquezas naturais e a cultura do Brasil, onde a artista belga Daphne Cornez, com intenção de homenagear o povo e a natureza do Brasil, nomeou o espetáculo de “Tesouros do Brasil: suas pessoas, sua natureza e o futebol”. A partir do título desse grandioso evento, podemos presumir que haveria muitas árvores, animais e outros elementos que remetesse ao que os europeus consideram "exótico" ao imaginário visto no Brasil. Nota-se nos relatos dos viajantes marítimos que desbravaram o mar em busca de novas descobertas e riquezas. Tomás (2014) afirma que:

A história literária apresenta manifestações do imaginário enquanto ato de apropriação do observado para dar sentido às coisas. Percebemos assim a força da linguagem inscrita na literatura, que é a fiel depositária de tradições, valores e crenças. Pois é através dos nossos autores e poetas, e respetivas configurações do real, que podemos dialogar com o imaginário passado e presente, fundamental na constituição da identidade pessoal e coletiva. (TOMÁS, 2013, p.74).

A ideia do teórico acima é que a imaginação permite a construção conceitual do mundo e que a imaginação é determinante no âmbito da motivação psicológica e da cultura. O imaginário colonial permite expressar os oceanos através do fabuloso e do fantástico, assim formando o deslumbre do novo mundo. Nesse sentido, este estudo tem por finalidade identificar a presença da ‘Visão do Paraíso’ e as imagens idênticas das leituras dos relatos dos viajantes nos dias atuais. Além disso, buscar entender como a literatura de informação constrói um imaginário tão forte e como resiste há cinco séculos? Por que os estrangeiros continuam vendo no Brasil um paraíso de abundância em contraste com a paisagem cinzenta da Europa? E, ainda, os brasileiros também se identificam com esse imaginário?

Esse contexto pode ser observado na abertura da Copa, onde o imaginário de um país exuberante é o reflexo do Brasil para o mundo. Imagem que é ressaltada nos relatos, o cenário utópico permite a construção de um novo mundo, que chega ser exagerado em suas descrições. Vejamos a paisagem fantástica de Pita (1730) sobre o Brasil:

Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bela a aurora; o sol em nenhum outro hemisfério tem os raios tão dourados, nem os reflexos noturnos tão brilhantes; as estrelas são as mais benignas, e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros; as águas, ou se tomem as fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aquedutos, são as mais puras: é enfim o Brasil terreal paraíso descoberto, onde têm nascimento e curso os maiores rios; domina salutífero clima; influem benignos astros, e respiram auras suavíssimas. (PITA, 1730, p.20).

Pita (1730) produz uma geografia imaginária, onde imagens e paisagens se confundem e as representações extraem traços da realidade entrelaçados com componentes imaginários, mas devemos ter uma noção que a criatividade da mente toca a irrealidade e a irracionalidade, portanto, configuram-se mitos e lendas. Partindo desse pressuposto, buscaremos entender o que a literatura (os escritos) do século XVI e XVIII nos revela sobre os diferentes aspectos do povo brasileiro por meio da historiografia indígena. Ainda que, não há valor literário reconhecido, não as destitui (aos relatos) de seu valor documental, mas nos mostra informação e que dá credibilidade nelas inseridas. Assim como a cerimônia da copa traz referências dos povos indígenas, da cultura (o modo de vida dos nativos) e da natureza (árvores, pássaros, rios), também os relatos dos viajantes, em sua maioria, descrevem o território brasileiro (fauna, flora, índios), onde podemos encontrar aspectos contidos nas entrelinhas dos escritos, repletos de subjetividade, beleza, fascínio, religiosidade e ideologia ou a técnica e a formalidade histórica.

Assim, esses aspectos fazem deste trabalho um marco importante na busca do entendimento sobre a verdadeira importância dos documentos literários. Contudo, esses escritos nos proporcionam informações sobre dados técnicos do Período Colonial, como por exemplo, os dados geográficos e históricos, que visam mostrar a origem do Brasil, principalmente as descrições de seus primeiros e exóticos habitantes. Como podemos notar nos relatos de Pero Vaz de Caminha e do piloto anônimo, que vem nos mostrar o discurso do deslumbramento por meio das descrições da feição dos povos nativos e seu modo de vida. Outro relato que ressalta o novo mundo é o tratado das terras do Brasil, que traz deslumbramento a partir de descrições sobre as terras e os rios, enquanto o relato de Hasten traz a crueldade dos povos indígenas com os estrangeiros. Os textos das literaturas de viagem apresentam, além de afirmações (mesmo que em alguns aspectos fantasiosos), questionamentos acerca do indígena e sua importância no contexto da formação do acervo literário do Brasil, além disso, os escritores desses relatos transmitem sua visão do novo mundo e descrevem uma nova nação fantástica.

O método de pesquisa utilizado é a documental de cunho bibliográfico. De acordo com (FONSECA, 2002, p. 32) recorre a fontes mais variadas: jornais, revistas, relatórios, cartas, filmes, fotografias, pinturas, relatórios de empresas, dentre outras. O presente estudo está desenvolvido a partir de pesquisas documentais, os conceitos analisados são os relatos de viagem, sendo eles, o relato do Piloto Anônimo, Carta de Pero Vaz de Caminha, Tratado do Brasil e a copa de 2014 sediada no Brasil, e os principais autores que contribuíram com o trabalho foram: Alfredo Bosi (1970), Antonio Candido (1918) e Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982).

Esta monografia está organizada em três partes distintas, ainda que relacionadas. Assim, o capítulo 1 traz a introdução; em seguida abordaremos no capítulo 2, o Contexto de produção e recepção, dividido em subtítulos: 2.1. A expansão ultramarina europeia dos séculos XV ao XVII, será abordado sobre o contexto histórico durante as viagens marítimas, expondo assim acontecimentos na Europa; já no tópico 2.3. O imaginário dos viajantes do Velho para Novo Mundo: visões do paraíso, aqui discutiremos a construção do imaginário português sobre o novo mundo (terra recém-descoberta), trazendo o deslumbramento e fascínio dos viajantes. No capítulo 3, apresentaremos um estudo sobre a literatura de informação no Brasil, trazendo em subtítulos: relação do piloto anônimo, tratado da terra do Brasil, Pedro de Magalhães Gândavo, Hans Staden, A carta de Pero Vaz de Caminha, nos subtítulos mostraremos aspectos relacionados aos nativos (indígenas), animais, terras e a natureza da terra recém-descoberta (novo mundo).

2. CONTEXTO DE PRODUÇÃO E RECEPÇÃO

2.1. A expansão ultramarina europeia dos séculos XIV ao XVIII

A expansão ultramarina europeia se deu por volta dos séculos XIV e XVIII decorrente da crise do sistema feudal, que acarretou falta de alimentos, aumentando a fome do povo e pela escassez de alimentos, a economia durante o século XIV enfraquecia. Dentre todas as mazelas que assolaram esse período, a epidemia da peste negra foi a que mais causou impacto, com isso a economia ficou ainda mais frágil. Assim, os europeus se viam sem saída tendo que desbravar o mar em busca de reerguer a economia, o que fez com que os europeus partissem nas expedições marítimas no mar. E a sequência de elementos sociais, políticos e econômicos, fortaleceram a expansão ultramarina europeia. Outro fator muito importante que fez com que os europeus buscassem outras soluções para recuperar sua economia foi a crise dos metais, onde as minas mostravam sinais de enfraquecimento. Dessa forma, as monarquias nacionais eram obrigadas a se lançarem ao mar, em busca de ouro e prata em outros continentes. Nesse sentido, Cáceres (1988), afirma que:

Os europeus não tinham nenhum produto de reduzir volume e alto valor para vender aos árabes, sendo, portanto, obrigados a pagar as especiarias com metais preciosos, que foram se tornando escassos na Europa, prejudicando o comércio nesse continente. As minas da Europa central estavam esgotadas. A solução seria a busca de ouro e prata em outros continentes (CÁCERES, 1988, p. 107).

Durante esse período os europeus se viam obrigados a se lançarem ao mar, nas expedições marítimas na tentativa de encontrar recursos que ajudem suprir suas necessidades comerciais. Assim, desbravando o mar na busca por caminhos marítimos que os levassem em terras com abundância em metais preciosos e especiarias. Essa seria a solução para fortalecer novamente a economia local. As mercadorias que haviam na Europa continental eram: madeira, pedra, cobre, ferro, estanho, dentre outros produtos. Os países orientais, por outro lado, tinham como produtos o açúcar, ouro, cânfora, sândalo, etc., e tais estavam em falta na Europa. Os produtos eram levados para a Europa pelos árabes em caravanas rodoviárias, os destinos eram duas cidades italianas, sendo elas Gênova e Veneza, elas atuavam como intermediárias na venda de mercadorias para o resto do continente. Através dessas viagens houve um crescimento significativo no desenvolvimento comercial e grande avanço na economia mercantil que resultou na consolidação da burguesia.

Já Portugal foi a primeira nação a realizar a expansão marítima. Além da posição geográfica, de uma situação de paz interna e da presença de uma forte burguesia mercantil, o pioneirismo português é explicado pela sua centralização política. Durante a expansão marítima portuguesa as atividades mercantis e o zelo pelas cruzadas foram muito marcantes. Portugal ainda é considerado uma nação senhorial, com forte experiência marítima. O que prevalecia nessa nação era a religião, muito forte por sinal. A expansão marítima de Portugal despertou o interesse da monarquia para tentar fortalecê-la. Nobreza, interessada em conquistar a terra; na Igreja Católica e na possibilidade de cristianizar outras nações e a burguesia comercial para aumentar seus lucros. A expansão marítima portuguesa “foi um misto de cruzada, rapina, pirataria, comércio, expansão do império e fé: à burguesia interessavam saques e lucros, a nobreza feudal honras e posições, o clero visava converter os gentios” (CÁCERES, 1988, p.109).

Ainda de acordo com Cáceres (1988), a expansão marítima portuguesa está ligada aos diferentes meios sociais, onde cada classe social recorre ao comércio marítimo que atenda às suas necessidades particulares. O autor ainda enfatiza os interesses que havia por trás da expansão marítima como comércio marítimo, o crescimento do império português e da religião em outros lugares. Os interesses religiosos visavam converter todos os povos bárbaros em cristãos. Portanto, a expansão marítima portuguesa se resulta em interesses agrícolas, missões cristãs, encarecimento da mão-de-obra:

Na expansão portuguesa, a religião esteve obviamente no centro de muitas interações. Relativamente a esse aspecto, a historiografia ocidental tradicional centrou-se nas missões cristãs portuguesas e nas suas tenazes campanhas de conversão de povos. (BETHENCOURT e RAMADA, 2010. p.319).

Nesse trecho Bethencourt e Ramada (2010) intensificam que os portugueses, além de terem interesses comerciais, também têm um forte interesse em catequizar os povos que consideram não cristãos. Os portugueses promoveram interações religiosas, pois o principal objetivo era doutrinar e batizar os pagãos e, só assim a fé católica se propagava.

A expansão marítima contribuiu para uma mudança fundamental na visão humana da história, para compreensão da humanidade sobre a geografia da terra continua a se expandir devido à unificação dos mercados na Europa, Ásia, África e Estados Unidos, e uma verdadeira revolução nos negócios. Algumas das principais mudanças ocorrida pela expansão foi a decadência das cidades italianas; o deslocamento do eixo econômico do Mediterrâneo para o Atlântico; a formação de instituições coloniais; o influxo maciço de metais da América para a Europa; o retorno da escravidão sob o modelo capitalista; o eurocentrismo, ou a Europa no

mundo a hegemonia do capital; e o processo de acumulação primitiva do capital que leva à organização das formas sociais capitalistas.

Vale ressaltar, que as primeiras viagens de exploração portuguesa ocorreram no século XV ao largo da costa do Saara, porém não sabemos quem era o responsável pela exploração marítima; sabe-se que os navegadores iam em busca de riscos pesqueiros que ficavam no largo Marrocos. Mas, o que levou às grandes viagens dos portugueses foi a gradual participação dos portugueses no comércio europeu no século XV, além disso, a ascensão de uma burguesia abastada que investiu em viagens para o comércio com diferentes partes do mundo. Portugal nos séculos XV e XVI também notou a presença de portos de qualidade no país e influenciaram bastante no processo do pioneirismo português. Tudo isso foi fundamental e ajudou no processo do empreendimento português ocorrido sob o comando do astuto infante D. Henrique, o navegador (1394-1460). Assim, os portugueses buscavam instituir uma presença mais duradoura, pois as explorações marítimas seriam uma oportunidade de negócio através das relações comerciais com outros continentes, como exemplificam Bethencourt e Ramada:

Nos séculos XV e XVI ocorreram repetidos contatos deste tipo entre os portugueses e gentes não europeias em muitas partes díspares do globo. Assim foram frequentemente os portugueses que registraram as primeiras observações europeias de outros povos e lugares, e foi através dos olhos portugueses que muitas das primeiras imagens de <<outros>> foram transmitidas à Europa. Logicamente, as imagens iniciais da Europa e dos europeus formados por outros povos durante os primeiros séculos da expansão baseiam-se, muitas vezes, acima de tudo, na sua observação dos portugueses. (BETHENCOURT e RAMADA, 2010, p. 297).

Nota-se que os navegadores portugueses queriam alcançar o continente africano, ou seja, fazer uma viagem à África e, dessa forma, Portugal conquistou várias concessões em África. Em 1488, o navegador português Bartolomeu Dias chegou com sucesso ao Cabo da Boa Esperança, provando ao mundo a passagem para outro oceano. Finalmente, em 1498, o navegador português Vasco da Gama chegou às Índias, onde teve seu primeiro contato com indianos precisamente na cidade de Calecute, que hoje é conhecida por Querala localizada no Sudeste da Índia. Gama tinha interesse comerciais, tendo em vista manter relações comerciais nessa região, como nos mostra Bethencourt e Ramada:

[...] à sua chegada a Calecute, Gama procurou obter uma audiência com o governante local, com propósito de estabelecer relações diplomáticas e comerciais. Foi bem-sucedido, mas em termos de recolha de informações a sua expedição não constitui propriamente um triunfo. É verdade que conseguiu observar com bastante precisão o ambiente físico e a aparência e costumes das gentes que encontrou. Também se deu conta, em termos gerais, de que a cultura e a sociedade indianas eram ricas e complexas, mas pouco entendeu das suas características essenciais e muito menos das sutilezas. (BETHENCOURT e RAMADA, 2010, p.297).

Foi então que essa burguesia, em cooperação com o Estado, decidiu que era hora de expandir suas viagens e forjar suas próprias linhas com todos os povos da Índia e do Oriente. Porque a ideia era contornar toda a África após chegar às Índias, os portugueses desembarcaram pela primeira vez nas Ilhas Canárias em 1435 e assim, formaram as primeiras colônias portuguesas no exterior. Nesse período, as principais rotas comerciais se concentravam nos trânsitos entre a Ásia (China, Pérsia, Japão e Índia) e os países mercantis europeus. Parte dessa troca de mercadorias foi mediada por muçulmanos, que introduziram especiarias orientais na Europa através do Mediterrâneo. Por terra, os comerciantes italianos monopolizaram a entrada orientais no continente.

A evolução das viagens portuguesas chegou ao seu maior nível em 1500, quando Pedro Álvares Cabral liderou uma enorme frota viajou para o Oriente para o comércio, e finalmente chegou ao chamado "Novo Mundo", quando o navegador Pedro Álvares Cabral declarou a 'descoberta' das terras brasileiras. Mesmo alegando esse 'achado', alguns historiadores defendem que já havia sido 'encontrada' anteriormente. No entanto, anos depois, com a ascensão do processo de expansão marítima de outras nações europeias e a decadência dos empreendimentos comerciais portugueses no Oriente, as terras do Brasil tornaram-se o principal foco do mercantilismo português. Aqui, pode-se encontrar uma riqueza de fontes de informação sobre índios e pau-Brasil; a madeira desta árvore era muito valorizada pelos europeus, a partir dos quais os portugueses começaram a explorar a riqueza desse novo território, incluindo o trabalho dos índios. O objetivo português de descobrir essas novas terras era maximizar a riqueza que elas proporcionavam ao mesmo tempo em que difundiam as crenças religiosas. Assim, durante a Grande Viagem, Portugal tornou-se um dos mais importantes armazéns comerciais (armazéns para armazenamento de mercadorias – à espera de compradores ou embarque).

2.2. O imaginário dos viajantes do Velho Mundo para o Novo Mundo: visões do paraíso

Nesta sessão, buscaremos conceitos sobre a criação de um paraíso na terra sob o imaginário português, na tentativa de compreender o que pensavam os portugueses sob o mundo recém-descoberto (o novo mundo).

Buarque de Holanda (1958) fala sobre os efeitos que o mito do paraíso terrestre causou na visão dos portugueses. Um primeiro ponto seria uma espécie de contraste entre o velho (onde vivem os portugueses) e o novo mundo (terra recém descoberta), o primeiro como lugar de

corrupção da alma e o segundo como puro, sem maldade. Isso se refletia para seus habitantes, colocando o índio como alguém inocente e uma terra onde tudo se cultiva e se dá. A ideia de decadência aliada ao humanismo teria ajudado a conceber a ideia paraíso alcançável, que seria entendido como a oposição de decadência da Europa:

É como se dissesse, transladado a lo divino, que sobre o velho mundo, e expressamente sobre a Europa, abandonada de Deus, tinha recaído com mais peso a danação que, por culpa de nossos primeiros pais, em algum lugar remoto, resguardado do resto do mundo pela imensidão dos mares, e entre gentes tão nuas de roupas quanto de vícios se acharia alguma imagem atenuada embora, daquilo que foi o paraíso. (HOLANDA, 1958, p. 290).

Holanda (1958) ainda afirma que para os portugueses, Deus se manifestava através da natureza; e a ausência de animais fantásticos na Europa e a presença destes em outros lugares, pelo menos presumida, era mais um indicador de decadência europeia. Os viajantes portugueses por meio do imaginário viam as bestas fantásticas, muitas vezes associavam à existência de tesouros. Para os portugueses, os animais – como o peixe-boi- também seriam indicativos do paraíso, diziam ver sereias, assim o imaginário afluía nas expedições. Essas figuras eram relacionadas ao mito edênico, mas os viajantes viam os animais de comuns com fantástico, a exemplo disso, Holanda (1958) menciona que os portugueses acreditavam que a jiboia renasceria como fênix e o beija-flor seria resultado da metamorfose da borboleta, o deslumbre estigavam a essas associações. Os europeus tinham “uma interpretação moral da natureza”, onde se refletia o intelecto divino, mas existiam singularidades:

Ora, sucede que o Paraíso Terrestre é, pela sua própria essência, inatingível aos homens, ou, na melhor hipótese, só pode, talvez, ser alcançado à custa de ingentes e sobre-humanos esforços. De fato, só com o declinar do mundo medieval é que a ideia da corrupção e degenerescência da Natureza poderá afetar mais vivamente aqueles para quem a salvação eterna se torna, cada vez mais, um ideal longínquo e póstumo. Ao mesmo tempo irá esbater-se pouco a pouco, embora teoricamente ainda válida, a crença de que o Céu, um Céu sempre mais distante, cuida de interferir a todo momento nos negócios profanos. (HOLANDA, 1958, p.230).

Holanda (1958) afirma que os franceses mais concretos, enquanto os de Espanha e Portugal viam as coisas de maneira mais espiritual, muito guiado pela visão das coisas que indicariam o divino. Nas Américas também estaria o fruto proibido, o maracujá, sendo a sua flor reveladora da sua divina, representava o calvário de Cristo. Ananás também foi considerado fruto divino. A visão do Paraíso, ou seja, descrever o Brasil fortemente influenciado pelo mito edênico. Holanda (1958) observou que os mitos antigos tornavam possível a confusão do Éden com o Novo Mundo, e os viajantes atribuem essa disponibilidade de vislumbres do Jardim do Éden às características especiais da terra. Esse aspecto é muito importante para a justificação da

ocorrência do maravilhoso em relação ao Novo Mundo (terra recém-descoberta) paraíso imaginado. Por meio desse imaginário edênico os viajantes acreditavam ter chegado no paraíso quando chegaram a América. Eles viam a América como uma alegoria do paraíso, através dessa visão edênica, ou seja, associavam ao Jardim do Éden.

Um das principais referências nos estudos sobre o imaginário português e o mito sobre o paraíso terreal. É o deslumbramento dos colonizadores, que contribuiu para a construção da visão do paraíso da terra recém descoberta, Holanda (1958), nos mostra os motivos edênicos que povoaram o imaginário sobre o descobrimento do Brasil e as primeiras narrativas dos colonizadores e expedicionários sobre os trópicos brasileiros:

A ideia de que do outro lado do Mar Oceano se acharia, se não o verdadeiro Paraíso Terreal, sem dúvida um símile em tudo digno dele, perseguia, com pequenas diferenças, a todos os espíritos. A imagem daquele jardim fixada através dos tempos em formas rígidas, quase invariáveis, compêndio de concepções bíblicas e idealizações pagãs, não se podia separar da suspeita de que essa miragem devesse ganhar corpo num hemisfério ainda inexplorado, que os descobridores costumavam tingir da cor do sonho (HOLANDA, 1958, p. 221).

Na visão do autor, o deslumbramento e a prodigalidade da natureza nas expedições marítimas despertaram o imaginário dos que viviam distantes da terra recém descoberta, levando-os a construir a imagem edênicas sobre as novas terras, assim, possibilitando-os a imaginarem ser as mesmas terras do paraíso terreal, sede do Jardim do Éden. As narrativas produzidas, desde cedo, tornaram-se manifestações arquetípicas de um discurso em relação ao mito do paraíso terreal. Nesse sentido, Holanda (1958) afirma:

Nada fará melhor compreender tais homens, atentos, em regra geral, ao pormenor e ao episódico, avessos, quase sempre, a induções audaciosas e delirantes imaginações, do que lembrar, em contraste com o idealismo, com a fantasia e ainda como senso de unidade dos renascentistas, o pedestre ‘realismo’ e o particularismo próprios da arte medieval, principalmente de fins da Idade Média” (HOLANDA, 1958, p.1).

Ainda conforme Holanda (1958), o imaginário dos viajantes os levava a fantasiar tudo que viam no novo mundo, revelando o “mito luso-brasileiro”, o único mito que foi criado pelos portugueses e atingiu toda América: o mito de São Tomé. E essa crença em relação ao apóstolo manteve-se em algumas partes do mundo. O autor afirma também que a existência de São Tomé contribuiu para fortalecer a religiosidade. Dessa forma, foram enviados apóstolos para todos os continentes, por causa dessa valorização do mito, ele foi se tornando maior, conforme com sua expansão para as possessões de Castela. Holanda (1958) sintetiza, na citação a seguir, que o

universo lendário e mítico em torno do paraíso terreal remete, também, às conquistas castelhanas, como suscitará eldorados, amazonas, serras de prata, lagoas mágicas, fontes de juventude:

[...] de ilhas encantadas, fontes mágicas, terras de luzente metal, de homens e monstros discrepantes da ordem natural, de criações aprazíveis ou temerosas, com que os novelistas incessantemente deleitavam um público sequioso de gestos guerreiros e fantásticos sortilégios, rapidamente se foram povoando as conquistas de Castela. E não é menos flagrante aqui o contraste que se oferece entre elas e as regiões do mesmo continente destinadas à Coroa lusitana. (HOLANDA, 1958, p.162).

Pode-se perceber, que os espanhóis criaram uma série de mitos sobre suas terras, como a existência de eldorados, amazonas, serras de prata, lagoas mágicas e fontes de juventude, mas vale salientar, que embora os portugueses tivessem uma visão mais racional, não deixaram de explicar as terras brasileiras em suas cartas como se fosse uma espécie de paraíso perdido, um novo Jardim do Éden, com uma geografia fantástica e abundantes recursos naturais.

Holanda afirma também que as narrativas mais férteis foram aquelas que exaltavam as grandezas do Brasil: a geografia fantástica, a imensidão territorial, a fauna, a vegetação, a imensa diversidade de frutas, flores e belezas mil dos campos. Desse modo, durante o longo período de colonizações e conquista das Américas pensava-se que o continente onde estavam era o Paraíso da Terra:

[...] Paraíso Terral nada faz crer que chegasse a exercer sobre aqueles navegantes algum extraordinário fascínio. E se tal crença logrou ser amplamente partilhada em Portugal, o que dela nos chega, em escritos dos primeiros anos do século XVI, é quando muito o abafado eco: certa alusão, por exemplo, a um país abençoado, onde os homens aparentemente não adoecem, ou, se já enfermos, logo ficam são em lá chegado (HOLANDA, 1958, p.11).

Portanto, o cenário do Novo Mundo parecia apresentar-se àqueles primeiros conquistadores e, ainda mais tarde, a muitos colonizadores castelhanos, animado pela expectativa de encontrar maravilhas, com encantamento, por meio do imaginário mágico. Os cenários naturais, em terra onde tudo era incomum, pareciam importar, não tanto por aquilo que aparentavam, mas sobretudo pelo que pareciam anunciar ou dissimular.

3. A LITERATURA DE INFORMAÇÃO NO BRASIL COLÔNIA

A literatura de informação corresponde aos textos escritos de viagem pertencentes ao primeiro movimento literário no Brasil: o Quinhentismo (1500-1601). Vale ressaltar que esses textos históricos e literários são essenciais para a descoberta da literatura brasileira. A expedição portuguesa que desembarcou no Brasil em 1500 também era composta por escrivães que tinham a função de relatar as impressões das terras que encontravam. Assim, literatura informativa de viajante são textos compostos por muitas descrições e adjetivos relacionados a terras recém-descobertas. Além de apontar características da paisagem local, os escribas também descreviam as pessoas que ali viviam, como os costumes e crenças.

De acordo com Bosi (1970), os primeiros escritos da nossa vida foram relatados nas literaturas de informação, e precisamente a instauração do processo: são informações que viajantes e missionários europeus colheram sobre a natureza e o homem brasileiro por meio de seus relatos marítimos. Os relatos em análise refletem a visão de mundo e da linguagem que nos legaram os primeiros observadores do país. Em seus estudos, Cândido menciona as primeiras Literárias que chegaram aos séculos XVI e XVII, onde produziam apenas manifestações literárias, pois não havia tradição propriamente dita, portanto, não tinha obra que desse continuidade a outra, muito menos, leitores. Cândido, por sua vez, traz a importância do padre Vieira e um poeta como Gregório de Matos, e destaca que, naquela época, a Literatura era a tradição oral, ou seja, os sermões de ensino eram proferidos ao público. Os livros são um processo dinâmico, um "evento de civilização". Nesse contexto, a seguinte definição de Candido afirma que:

Para compreender em que sentido é tomada a palavra formação, e porque se qualificam de decisivos os momentos estudados, convém principiar distinguindo manifestações literárias, de literatura, propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. (CANDIDO, 2000: p.25-26).

As narrativas produzidas, desde cedo, tornaram-se manifestações arquetípicas de um discurso em relação ao mito do paraíso terreal. A concepção de mundo destes escritores e marinheiros [portugueses] era muitas vezes regida pela experiência imediata, não apenas por conjecturas ou fantasias, mas parecia existir apenas com base nela, assim foram as primeiras manifestações literárias.

Segundo Bosi (1970), o “problema das origens da nossa literatura não pode formular-se em termos de Europa, onde foi a maturação das grandes nações modernas que condicionou toda a história cultural, mas nos mesmos termos das outras literaturas americanas” (BOSI, 1970, p.12). Além disso, o autor mostra em seus escritos os chamados "livros de informação", compostos pelos escritos de viajantes e missionários, como Caminha, Pero Gandavo e os jesuítas, buscavam, em particular, expressar sua primeira impressão do colonialismo. Tais relatos recheados de informações dos habitantes, da terra, dos animais, tudo que causavam deslumbramento, por meio do imaginário edênico os europeus acreditavam ter chegado ao Paraíso Terrestre (que era o lugar onde se encontrava o estado original do mundo, ou seja, onde se encontravam a ausência do pecado original, a pureza e a liberdade).

A natureza exuberante e os bons ares eram características que contribuíram para que o “Novo Mundo” fosse associado ao Paraíso. Comparando-se as características das novas terras com as paradisíacas e encontrando semelhanças entre elas, os europeus logo fizeram uma associação. Dessa forma, ficava mais fácil entender a existência dessas novas terras. Mas o Paraíso nem sempre foi identificado com o Novo Mundo. Ele migrava de uma região para outra, conforme os europeus iam descobrindo e conhecendo lugares novos: ele esteve no oriente, no meio do oceano, no Novo mundo etc.

3.1. A carta de Pero Vaz de Caminha (1500)

A carta de Pero Vaz de Caminha, datada de 1º de maio, escrita em 1500 (também conhecida como Carta a el-Rei Dom Manoel sobre o Descobrimento do Brasil) é o documento fundador da história do nosso país. Caminha, o escriba do veleiro Cabral tornou-se o cronista da nova colônia, vendo o continente pela primeira vez, e pouco (ou nada) se sabia até então, recebeu a difícil tarefa de contar a história do encontro de diferentes culturas. As cartas que escreveu a bordo são consideradas documentos informativos. Esta carta, por exemplo, é considerada um documento batismal da nossa terra, pois foi a primeira vez que estrangeiros viram o que se tornaria o território do Brasil. A visão de uma região perfeita, livre de pecados, onde o homem poderia instalar-se e desenvolver-se em paz, surge pela primeira vez na carta de Pero Vaz de Caminha. Em relação ao destinatário da carta, Caminha inicia sua escrita mencionando o rei Dom Manoel I:

Senhor: Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba pior que todos fazer. (CAMINHA, 1500, p.1)

A carta ao rei é um documento rico. Caminha é o primeiro personagem a descrever o Brasil. Era uma tarefa complexa que exigia uma descrição detalhada de tudo que descrevia do território brasileiro: a fauna, a flora, o comportamento dos moradores, a curiosidade da região. O autor começa destacando a grande riqueza natural da nova colônia. Ao descrever a beleza natural perfeita do Novo Mundo, apresenta uma visão paradisíaca da terra que os portugueses conquistaram. Também na redação da carta, rapidamente se torna aparente o que os historiadores mais tarde chamariam de sede de ouro, o interesse português pelos lucros que poderiam deduzir da exploração de futuras colônias. Lemos desde a primeira linha o desejo de conquistar materiais preciosos (ouro e prata).

A escriturária enfatizou a falta desses bens materiais tão necessários: “Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos” (CAMINHA, 1500, p.12). Caminha, sabendo o interesse do rei, que era de descobrir o mais rápido possível se a nova terra poderia dar lucros, então o relator da carta logo se adianta e escreveu logo sobre aquilo que imagina que seria proveitoso da terra. “Andamos por aí vendo o ribeiro, o qual é de muita água e muito boa. Ao longo dele há muitas palmeiras, não muito altas; e muito bons palmitos. Colhemos e comemos muitos deles “. (CAMINHA, 1500, p.7).

Encontros com índios, completamente diferentes dos exploradores, ocupam grande parte do cartão. Caminha usou fontes comparativas para escrever o deslumbre pelo nativo, e é claro que os escribas estavam tentando entender de que maneira essas pessoas tão diferentes dos navegadores poderiam ter sido úteis ao rei português. Ao narrar, Caminha observa o comportamento do local: o que vestem, como cortam o cabelo, como comem, como dormem, como lidam uns com os outros e com os estrangeiros. Caminha teve uma visão mais magnânima do desconhecido, logo perde um ocidente profundo ao acusar os índios de barbárie e eurocentrismo. Tentou decifrar o outro a partir das pistas fornecidas a ele, em contrapartida, a questão não fosse nada parecida com o que os escribas tinham visto antes. Na carta pode-se ver a diversidade natural que havia aqui naquela época, convivendo em perfeita harmonia com os índios. Como era de se esperar, não houve diálogo entre os colonos e os indígenas, pois eles tinham línguas próprias:

Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias fossem em terra e levassem aqueles dois homens, e os deixassem ir com seu arco e setas, aos [...] quais mandou dar a cada um uma camisa nova e uma carapuça vermelha e um rosário de contas brancas de osso, que foram levando nos braços, e um cascavel e uma campainha. E mandou com eles, para lá ficar, um mancebo degredado, criado de dom João Telo, de nome Afonso Ribeiro, para lá andar com eles e saber de seu viver e maneiras. E a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho [...] (CAMINHA, 1500, p.5).

O autor vislumbra a inocência dos nativos (índios), sua falta de consciência em relação ao dinheiro e a esperteza "gananciosa" dos portugueses em descobrir novas terras. Os colonos supunham que poderiam conseguir que o rei português queria amostragem de qualquer coisa que pudesse avaliar a terra com os próprios olhos - isso era considerado "amostrar" os índios para que eu pudesse ver D. Manuel. Aqueles que vieram a ser chamados de índios eram o oposto dos portugueses em vários aspectos. Os nativos também estão associados a uma existência imaginária europeia: suas feições lembram "selvagens" que vivem livremente na floresta, desfrutam de sua liberdade e vivem por instinto. Todas essas características vão contra a humanidade cavalheiresca e cristã que os europeus exemplificaram:

A feição deles é serem pardos, de maneira avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, de comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como um furador (CAMINHA, 1500. p.3).

Os detalhes desse trecho estão dedicados a relatar a nudez dos moradores que não gostam dos viajantes carregando muitas roupas. Suas ações inocentes também contrastam com os gestos egoístas daqueles que buscam riqueza material em novos territórios. Em sua carta, Caminha destacou repetidamente a nudez das pessoas que conheceu e a falta de vergonha dos índios, o que era impensável para um cidadão europeu. Nesses momentos de escrita, pode-se notar o conflito entre a ideologia católica da nudez culposa e os índios que não sentem culpa ou vergonha pela nudez:

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente arremessou-lhe um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto (CAMINHA, 1500, p.2).

Esse tratamento é quase tão estranho à condição humana quanto Caminha se refere ao "Novo Mundo". O autor recorre a juízos como “sem qualquer idolatria”, “inocente” e “não esconde a vergonha”, revelando indutivamente as intenções imperialistas de Portugal e o conflito entre diferentes culturas. Assim, através desta carta, uma espinhosa "comunidade indígena" - mesmo inseparável - que mesmo 500 anos depois, os povos indígenas não deixaram de ser estereotipados e tratados com uma quase bestialidade como o autor da carta. Caminha, de país católico, deixou claro em sua carta os princípios morais e religiosos que os europeus devem ensinar aos índios. A conversão de estrangeiros cabe aos portugueses. Com uma visão eurocêntrica, os marinheiros viam o índio como uma tábula rasa, sem nenhuma fé, e ao se converterem se tornaram cristãos:

[...] nenhuma idolatria nem adoração têm. E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados e convertidos ao desejo de Vossa Alteza. E por isso, se alguém vier, não deixe logo de vir clérigo para os batizar; porque já então terão mais conhecimentos de nossa fé, pelos dois degredados que aqui entre eles ficam, os quais hoje também comungaram (CAMINHA, 1500, p.12).

Vale ressaltar, que o autor da carta deixou clara a importância do catecismo com os povos indígenas para o sucesso do projeto de conquista. Pode-se ver a diversidade natural que existia aqui naquela época, convivendo em perfeita harmonia com os índios. Como esperado, não há diálogo entre os colonos e os nativos, pois cada um tem sua própria língua. Vê-se também a ingenuidade dos índios, a sua falta de conceito de dinheiro, e a esperteza dos portugueses - pronuncia-se "ganância" ou coisa parecida - supondo que podem provar ao rei

português o as intenções de Portugal, para conhecer a terra em primeira mão – era para "amostrar os índios para que pudesse ver D. Manuel, como se fossem objetos".

3.2. Relação do piloto anônimo (1507)

A relação do piloto anônimo é a descrição mais ampla da viagem de Pedro Álvares Cabral à Índia, no entanto, não se enquadra na categoria de documentos raros (um dos critérios para guiar coleções). São pouquíssimas edições, infelizmente, a melhor conhecida e adotada - a edição escrita por Sebastião Morato e publicada por Jaime Cortesão (a primeira edição conhecida foi publicada em italiano). Esse documento é essencial para a compreensão da história da expansão marítima descobertas no Brasil. Narração de um tripulante da Esquadra Cabral, complementando a coleção de documentos históricos sobre o descobrimento do Brasil e uma carta de Pero Vaz de Caminha.

Percebe-se, que na relação do piloto anônimo não tem sua atenção voltada aos detalhes como a Carta de Caminha, mas também não expressa admiração do autor pela paisagem do novo paraíso do Novo Mundo. A obra mostra-nos o renascimento da cultura e a tecnologia marítima de Portugal continuou a melhorar e tornou-se uma potência marítima. Só em 1500, numa viagem às Índias, Cabral partiu para o oeste da rota e descobriu o Brasil. Obviamente, este documento é muito importante para conhecermos mais sobre a história do Brasil, mesmo sem conhecer a identidade do autor. Vale ressaltar, que o piloto anônimo buscou não só destacar a rica geografia e o bom ar da terra, mas também ressaltar a aparência de seus habitantes, principalmente das mulheres, por causa de seus longos cabelos e belos corpos. Como pode-se observar no capítulo III do relato, intitulado “Raiz de que fazem pão, e os seus outros costumes”: relação imaginária construída naqueles anos sobre os nativos, como retratada a seguir:

[...] De aspecto, esta gente são homens pardos, e andam nus sem vergonha e os seus cabelos são compridos. E têm a barba pelada. E as pálpebras dos olhos e por cima delas eram pintadas com figuras de cores brancas e pretas e azuis e vermelhas. Têm o lábio da boca, isto é, o de baixo, furado, e nos buracos metem um osso grande como um prego. E outros trazem uma pedra azul e verde e comprida dependurada dos ditos buracos. As mulheres andam do mesmo modo sem vergonha e são belas de corpo, os cabelos compridos[...] (ANÔNIMO, 1507, p.3).

Vale destacar, que o piloto anônimo se enquadra na literatura de informação. Relata uma carta de Pedro Álvares Cabral descrevendo o modo de vida e comunicação dos moradores. Menciona a preparação do navio e da tripulação como eles os chamam de “a nau”. No relato do piloto anônimo pode-se notar muitas descrições dos habitantes (índios) da terra recém descoberta, como a cor da pele deles. Além disso, mostram-se surpresos e ao mesmo tempo curiosos, com a nudez das pessoas que ali moravam. Na citação anterior, observou-se que o piloto anônimo vai relatando as características dos indígenas, mostrando a ingenuidade e suas

tradições. Relata sobre as pinturas, os acessórios que os índios pegam da própria natureza, e mostra esse deslumbramento sob a mulheres indígenas. Outro trecho mostra também os animais exóticos do território brasileiro (fauna, flora e índios) que conheceram ao longo da expedição marítima:

[...] têm muitas aves de muitas espécies, especialmente papagaios de muitas cores, entre os quais alguns grandes como galinhas e outras muito belas. E das penas das ditas aves fazem chapéus e barretes que usam. A terra é muito abundante em muitas árvores e muitas águas boas e inhames e algodão. Nestes lugares não vimos animal algum. A terra é grande e não sabemos se é ilha ou terra firme. Julgamos que seja pela sua grandeza terra firme[...] (ANÔNIMO,1507, p.3).

Nota-se, que o autor descreve sobre sua visão da terra recém-descoberta; transmite no relato descrições da fauna e flora; traz em seu discurso o deslumbramento com as aves, como o papagaio, as inúmeras cores em suas penas e por meio do seu imaginário associa a ave de porte pequeno à grandeza de uma galinha. Esse imaginário dos viajantes está ligado à falta de espécies de animais que não haviam em sua nação, o que intensifica ainda mais esse deslumbramento:

[...] entre os quais vimos um peixe que apanharam, que seria grande como uma pipa e mais comprido e redondo, e tinha a cabeça como um porco e os olhos pequenos e não tinha dentes e tinha orelhas compridas do tamanho dum braço, e da largura de meio braço. Por baixo do corpo tinha dois buracos, e a cauda era do comprimento dum braço e outro tanto de largura. E não tinha nenhum pé em sítio nenhum. Tinha pelos como o porco e a pele era grossa como um dedo e as suas carnes eram brancas e gordas como a de porco (ANÔNIMO,1507, p.3 e 4).

Observa-se, que esse discurso está voltado para o fantástico do imaginário edênico, onde fantasiavam de forma exagerada os animais do novo mundo. O trecho, “*peixe que apanharam, que seria grande como uma pipa e mais comprido e redondo*”, traz uma visão de fantasias e ideias míticas que os viajantes ultramarinos tinham em relação ao novo mundo, o mito do Paraíso terrestre. Buarque de Holanda destaca a herança de aspectos irracionais medievais na mente dos viajantes modernos do século XVI. Os colonos tiveram a difícil tarefa de dar vida às inquietantes experiências de suas viagens pelo Novo Mundo. O homem do século XVI foi associado à ideia de um paraíso terrestre; através dos mitos do Éden ressoaram nos novos mundos retratados por cronistas e navegadores.

Pode-se concluir que as viagens dos navegadores apresentam temas tanto positivos quanto negativos, que juntos possuem um significado histórico indiscutível. A Relação do Piloto Anônimo é um documento importante para a história do descobrimento, para as pessoas interessadas em conhecer os negócios marítimos de Cabral é documento riquíssimo.

3.3 Hans Staden (1548 e 1549)

Ao contrário dos relatos de outros viajantes que tinham como foco relatar sobre aspectos do imaginário fantástico dos viajantes, Hans Staden priorizava descrever sobre o caráter dos povos indígenas que tinha durante suas viagens que ocorreram entre 1548 e 1549, quando a colonização portuguesa do Brasil ainda era bastante tímida. A mineração do pau-brasil foi basicamente a principal atividade econômica nesse período, quando Portugal estava implementando um governo geral. A primeira viagem de Hans Staden ocorreu no primeiro semestre de 1548, um navio português em que ele estava veio ao Brasil para fins comerciais, porém, se o navio avistou um navio francês, era ordenado ataque. Isso porque, sob o Tratado de Tordesilhas, parte do continente americano foi determinado como propriedade dos portugueses. Portanto, qualquer outro país em território português seria considerado um invasor.

O papel de Hans Staden nesta expedição foi o de artilharia. Nesta primeira viagem, Hans estava em Pernambuco, mas teve que retornar a Portugal após o navio ter sido danificado em batalhas com navios franceses. Chegaram a Lisboa no dia 8 de outubro de 1548. Como podemos notar a seguir:

[...] Estivemos assim 108 dias no mar, e no dia 12 agosto alcançamos umas ilhas chamadas Losa Sores [Los Açores] que pertencem a EL. Rei de Portugal: ahi lançamos âncora, descançámos e pescámos. [...] Saímos da ilha Terceira em companhia de quase cem navios, e chegámos a Lisboa [Lisboa, a 8 de outubro, mais ou menos, do ano 1548; tínhamos gasto dezesseis meses em viagem]. (STADEN, 1930, p.38).

A segunda viagem de Hans Staden ocorreu logo após a Páscoa de 1549, em um navio espanhol que partiu de Sevilha. O objetivo é viajar até a foz do La Plata para chegar à terra do Peru. Nesta viagem, relata Hans Staden, eles foram obrigados a desembarcar na Ilha de Santa Catarina após a tempestade. Na ilha de Santa Catarina, esperaram que os outros dois navios aparecessem (ambos perdidos na tempestade), como no relato:

Ficámos ahi dois anos no meio de grandes perigos e sofrendo fome. Tínhamos que comer lagartos, ratos do campo e outros animaes exquisitos, que logramos colher, assim como mariscos que vivem nas pedras e muitos bichos extravagantes. (STADEN, 1930, p. 49).

Staden narra toda aventura durante suas viagens. Após a chegada do segundo navio (o terceiro nunca chegou), Hans Staden afirmou que estava pronto para continuar navegando, porém, outro evento infeliz aconteceu: o navio principal afundou (Stadden não detalhou como

isso aconteceu). Depois de viver na ilha de Santa Catarina por dois anos, Hans Staden diz que decidiram partir em um barco com destino a São Vicente, mas o barco bateu em uma pedra e afundou na costa de São Vicente. No entanto, o navio colidiu contra os rochedos que vieram naufragar no litoral de São Vicente. Ali, havia portugueses que os chamaram para trabalhar como artilheiro na defesa do forte de Bertioga, no qual trabalhou com arqueiro por dois anos. Em um dos seus trabalhos lutava contra os povos indígenas Tupinambás.

Staden ficou prisioneiro pelos índios Tupinambá depois de entrar na mata fechada para caçar. Era considerado inimigo dos tupinambás porque estava com os portugueses. Os Tupinambás costumam matar seus prisioneiros em um ritual canibal, também conhecido como ritual canibal. A crença dos Tupinambás é que ao comer seus adversários, se apropriariam de suas qualidades. A partir desse momento, Hans Staden viveu como prisioneiro por nove meses. Ele foi atacado várias vezes e continuou sendo ameaçado a morte em um ritual canibal.

Como relata as guerras entre tribos e deixou muitos detalhes da cultura Tupinambá:

Quando eu estava andando na floresta, eclodiram grandes gritos dos dois lados da trilha, como é comum entre os selvagens. Os homens vieram na minha direção e eu reconheci que se tratava de selvagens. Eles me cercaram, dirigiram arcos e flechas contra mim e atiraram. Então gritei: “Que Deus ajude minha alma!”. Nem tinha terminado estas palavras, eles me bateram e empurraram para o chão, atiraram e desferiram golpes de lança sobre mim. Feriram-me – Deus seja louvado – apenas numa perna, mas me arrancaram a roupa do corpo, um deles o casaco, um outro, o chapéu, o terceiro, a camisa, e assim por diante [...]. (STADEN, 1930, p.60).

Nove meses depois, Hans Staden foi libertado pelos franceses, que negociaram com os locais para libertar os alemães. O capitão William de Mona do Catherine de Waterville estava encarregado de negociar a libertação de Hans Staden. Chegou à Europa em 20 de fevereiro de 1555, na cidade francesa de Honfleur. Os registros desse período mostram o primeiro contato com os povos indígenas e a hostilidade de alguns deles. No entanto, é preciso levar em conta que os relatos dos europeus sobre os povos indígenas estão repletos de moral religiosa e de suas visões etnocêntricas. Como traz Staden:

No interior da caçara as mulheres se jogaram sobre mim, golpearam-me com os punhos, arrancaram-me a barba e disseram na língua delas: “Xe nama poepika aé!”, “com este golpe vingou o homem que foi morto pelos teus amigos”. Nisto me levaram para a cabana onde tive de deitar numa rede, e mais uma vez vieram as mulheres e bateram em mim, arrancaram meus cabelos e mostraram-me de modo ameaçador como pretendiam me comer (STADEN, 1930, p.69).

O relato de Staden causa um enorme impacto por causa do canibalismo dos índios brasileiros, com podemos observar a seguir sobre os povos wayganna (Guayanã), que vive em conflito com outras tribos. “São mais cruéis com seus inimigos do que os inimigos com eles. Cortam-lhes os braços e as pernas, em quanto ainda vivos, pela grande gula que ao distingue. Os outros, porém, matam primeiro antes de os despedaçar para comer”. (STADEN, 1557, p.134).

Nos relatos dos viajantes pode-se notar a singularidade de cada um, uns trazem o deslumbramento da natureza, como os animais, as plantas, os rios e o fascínio pela ingenuidade dos povos que habitam as regiões exploradas. Já Staden, vem mostrar outra realidade no que diz respeito aos povos indígenas, mostra todas suas faces, mas do lado da negatividade, mostrando o lado mal dos nativos e suas crueldades com viajantes.

3.2. Tratado da Terra do Brasil: Pedro de Magalhães Gândavo (1576)

O Tratado da Terra do Brasil, no qual contém a informação do Brasil, escrito por Pedro Magalhães Gândavo, para informar ao Príncipe dom Henrique, Cardeal, Infante de Portugal I, o que havia nestas terras descobertas. O autor do tratado pretendia divulgar a fertilidade e a abundância da terra para que os mais pobres do reino português não tivessem dúvidas de que era o lugar perfeito para a prosperidade. Escrita no século da conquista, sua obra contém informações que visam o interesse do príncipe sobre terras brasileiras:

[...] Tem muita infinidade de peixes grandes e pequenos. Criam-se nela muitos peixes-boi, os quais têm o focinho como de boi e dois botos com que nadam a maneira de braços; não têm nenhuma escama nem outra feição de peixe senão o rabo. Matam-nos com arpões, são tão gordos e tamanhos que alguns pesam trinta, quarenta arrobas. É um peixe muito saboroso e totalmente parece carne e assim tem o gosto dela; assado parece lombo de porco ou de veado, coze-se com couves, e guisa-se como carne, nem pessoa alguma o come que o tenha por peixe, salvo se o conhecer primeiro. As fêmeas têm duas mamas pelas quais mamam os filhos, criam-se com leite (cousa que se não acha noutro peixe algum) [...]. (GÂNDAVO, 1576, p.5).

Observa-se que autor do tratado descreve aspectos únicos de animais pouco conhecidos pelos europeus, como tamanduás e tatus, além de algumas aves exóticas, insetos e peixes. A abundância de recursos naturais seria um forte indício de que toda a América era um paraíso. Dessa forma, pode-se confirmar na narrativa que escolheram especificamente retratar o Brasil como um vasto país tropical exótico com uma "terra que se estende a perder de vista" e raras singularidades. Isso se encaixa em uma perspectiva histórica baseada em uma imaginação colonial do século XVI profundamente imaginária. Nas palavras do autor:

Esta terra é mui fértil e viçosa, toda coberta de altíssimos e frondosos arvoredos, permanece sempre a verdura nela inverno e verão; isto causa chover- lhe muitas vezes e não haver frio que ofenda ao que produz a terra. Há por baixo destes arvoredos grande mato e mui vasto e de tal maneira está escuro e serrado em partes que nunca participa o chão da quentura nem da claridade do Sol, e assim está sempre úmido e manando água de si. As águas que na terra se bebem são mui sadias e saborosas, por muita que se beba não prejudica a saúde da pessoa, a mais dela se torna logo a suar e fica o corpo desaliviado e são. Finalmente que esta terra tão deleitosa e temperada que nunca nela se sente frio nem quentura sobeja (GÂNDAVO, 1576, p.10).

Gândavo (1576), ainda cita em seu relato ao príncipe Dom Henrique Cardeal, Infante de Portugal, que as terras no qual ele fala no tratado podem ser povoadas e com essas terras podem conseguir proveito delas, pois são terras férteis e que tudo que se planta dá. Ele ressalta que a capitania do Rio de Janeiro, cidade de São Sebastião, possui a terra mais viçosa e fértil do Brasil e cita que têm terras muito únicas e muitas lagoas, sua maior característica pelos olhos

comerciais possui engenhos de açúcar. As experiências adquiridas nas navegações em meados do século XV certamente corroboraram para uma visão mais utilitária, como nota-se nos relatos dos colonizadores que tinham como tarefa traduzir as inquietantes experiências que tiveram durante as suas viagens no novo mundo.

O Tratado traz a narrativa de informações sobre os territórios do novo mundo do (Brasil), com Itamaracá, Bahia, Ilhéus, Espírito Santo, Porto Seguro, Rio de Janeiro e vários territórios de São Vicente. Incentivar os imigrantes é publicidade, pois promove o clima, a riqueza nacional, os seus recursos naturais e sociais e a oportunidade dos viajantes e navegadores mais pobres se tornarem ricos em países recém-descobertos. Gândavo, testemunha diretamente de notícias e eventos da terra recém-descoberta, é considerado um verdadeiro testemunho da imigração de Portugal para o Novo Mundo. Ele descreveu as plantas, especialmente a mandioca e o inhame, e focou em seus usos e nas características de diferentes partes da planta. Nas palavras do autor:

Nestas partes do Brasil não semeiam trigo nem se dá outro mantimento algum deste Reino, o que lá se come em lugar de pão e farinha de pão: Esta se faz da raiz duma planta que se chama mandioca, a qual e como inhame. E tanto que se tira de baixo da terra[...]. Outra raiz há duma planta que se chama aipim, da qual fazem uns bolos que parecem pão fresco deste Reino e também se come assada como batata, de toda maneira se acha nela muito gosto (GÂNDAVO, 1576, p.11).

Gândavo (1576) narra sobre as terras brasileiras, descreve o quão essas terras são férteis. Deslumbrado, relata sua visão sobre alimentos que na sua terra não há em sua terra natal e menciona detalhadamente sobre dois alimentos, a mandioca e o inhame. Também enfatiza em seu relato outros alimentos que são cultivados no Brasil, como arroz, feijão, fava e batatas, e ainda dá ênfase que estes mantimentos sustentam os habitantes do Brasil, e que se tem muitos gastos na produção desses alimentos, assim coloca em foco o interesse latifundiário, no qual seria interessante investir em terras brasileira.

O autor do relato descreve o novo mundo, cada capitania em suas particularidades (engenhos, escolas de jesuítas, tamanhos, distâncias, donos das capitanias, etc.) e depois descreve o território ultramarino: o geral. Fala dos costumes da terra, da sua flora e fauna. Usa como argumento a fertilidade da terra, como uma colônia acolhedora, rica e possuidora de metais preciosos, mas não está sendo bem aproveitado pelos locais. É assim que ele descreve os atuais capitães do Brasil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início das grandes navegações realizada principalmente por Espanha e Portugal havia no imaginário dos navegadores que o mundo desconhecido era habitado por bestas e estranhas criaturas, que habitavam mares tenebrosos, terras tórridas, e a ideia de um paraíso terreal, nas terras novas, onde esse imaginário influenciado por crenças, mitos e narrativas cultivadas na Idade Média e na Antiguidade. “Eles entendiam os monstros como criaturas divinas que iriam ensinar algo aos homens”, partindo desse pressuposto, os viajantes estrangeiros por meio do seu discurso deslumbrado, que a nova terra era abençoada por Deus, e a Europa esquecida, por ser terra do pecado e da ganância.

As percepções europeias sobre o Novo Mundo e as pessoas que o habitavam foram baseadas no imaginário edênico, caracterizado por crenças religiosas e crença em uma série de mitos e superstições. Entre os séculos XVI e XVIII, todas as imagens que permearam a mente dos europeus acabaram sendo associadas às realidades do Novo Mundo, como um conjunto de ideias e imagens que faziam parte da mentalidade dos europeus, foi projetado sobre aquilo que viram de diferente durante as viagens pelo mar, e também ao entrarem em contato com terras desconhecidas.

Dessa forma, quando chegaram às terras desconhecidas, os europeus se depararam com realidades que eram bastante estranhas, tudo que encontravam associavam a sua realidade. Por isso, durante esta pesquisa foi possível identificar nos relatos passagem tanto fantástico quanto imaginário edênico, o deslumbre do paraíso terreal. Como vimos, na abertura da Copa do Mundo da FIFA sediada no Brasil em 2014, sob olhar fantasioso, pontuando as imagens idênticas do novo mundo (território brasileiro), após cinco séculos essa visão de paraíso, visto no imaginário europeu ainda é muito forte, os estrangeiros veem no Brasil algo deslumbrante, único, cheio de riquezas, um país singular.

5. REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura brasileira**. Editora Cultrix. 2 edições. 1970.
- CÁCERES, Florival. **História Geral**. 3.ed.rev e ampl. -São Paulo: Moderna, 1988.
- CAMINHA, Pero Vaz de, **Carta a EL Rey Dom Manuel Rio de Janeiro (1500)**. Ed. Sabiá, 1968.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura: momentos decisivos**. 6. Ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- GÂNDAVO, Pedro de Magalhães – **História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, publicada em 1576.
- HOLANDA, Sérgio Buarque (1902-1982). **Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Brasiliense: Publifolha, 2000.
- PEREIRA, Paulo Roberto de. **Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.
- PITA, Sebastião da Rocha. **História da América Portuguesa**. 1730.
- SAMPAIO, Theodoro, Hans Staden. **Viagem ao Brasil**. Versão do texto de Marpurgo, de 1557. Revista e anotada, Rio de Janeiro. 1930.
- ALVES, Daniel. **Viagens de Hans Staden ao Brasil**. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/viagens-hans-staden-ao-brasil.htm>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2022.
- Disponível em <<https://memoria.ebc.com.br/noticias/brasil/2014/06/cerimonia-de-abertura-da-copa-do-mundo-lembra-cultura-e-futebol-brasil#:~:text=A%20cerim%C3%B4nia%20de%20abertura%20da%20Copa%20do%20Mundo,O%20evento%20teve%20a%20participa%C3%A7%C3%A3o%20de%20660%20pessoas>> Acesso em 14 de novembro de 2023.
- Disponível em: <https://www.mg.superesportes.com.br/app/fotos/especiais/copa-do-mundo-2014/2014/06/12/interna-galeria,150/fotos-cerimonia-de-abertura-da-copa-do-mundo-de-2014.shtml>. Acesso em: 13 de fevereiro 2023.
- Disponível em: <https://diocesedebrejo.com.br/wp-content/uploads/2020/04/primeira-missa-brasil.png>. Acesso em 15 de fevereiro de 2023.

6. ANEXOS

6.1. Anexo A- imagens da cerimônia da abertura Copa do Mundo de 2014:



imagem 1: Índio



imagem 2: pessoas caracterizadas de árvore



Imagem 3:futebol



imagem 4: danças típicas do país

6.2. ANEXO B: primeira missa que aconteceu no Brasil em 26 de abril de 1500.

